

Dr. Steven D. Mathewson, Pregando Narrativas do Antigo Testamento. Sessão 7: Estruturando e Delineando o Sermão.

Este é o Dr. Stephen D. Mathewson pregando sobre narrativas do Antigo Testamento. Esta é a sétima sessão: Estruturando e Delineando o Sermão.

Nesta sessão, falaremos sobre como estruturar e delinear o sermão que você está preparando a partir de um texto narrativo do Antigo Testamento.

Durante anos, aspirantes a pregadores receberam este sábio conselho: diga-lhes o que você planeja dizer, diga-lhes e, em seguida, diga-lhes o que você acabou de dizer. Ora, esse conselho se mostrou péssimo quando se trata de pregar uma história.

Para pregar uma narrativa do Antigo Testamento de forma eficaz, os pregadores precisam refletir sobre a maneira mais importante ou mais eficaz de estruturar o sermão. E isso nos leva à próxima etapa no processo de desenvolvimento do sermão. Nesse ponto, o pregador deve se perguntar: "Que tipo de forma usarei para atingir o propósito que determinei com base na ideia principal? Que forma meu sermão tomará?" Muitos pastores optam por estruturar seus sermões em torno de uma lista de princípios que aprenderam durante seus estudos.

Há alguns anos, examinei um ano inteiro de edições de uma publicação popular sobre pregação, e a maioria dos manuscritos publicados sobre textos narrativos do Antigo Testamento seguia essa tática. Um pastor estruturou um sermão de Êxodo 3:1-12 em torno de três chaves para uma vida impossível, extraídas da vida de Moisés. Outro pastor pregou Gênesis 45:1-13 listando as técnicas que José usou para deixar seu passado doloroso para trás.

Outro pregador abordou a história da provação de Abraão em Gênesis 22, compartilhando quatro princípios sobre a prova da nossa fé. Um terceiro pregou sobre Gênesis 39 e o relato de José vencendo a tentação, destacando quatro razões pelas quais devemos dizer não à tentação sexual. Mas essa abordagem não reflete verdadeiramente a estratégia ou o estilo dos autores que compuseram essas narrativas do Antigo Testamento.

Frequentemente, não faz justiça à mensagem profética da narrativa. Em vez disso, simplesmente usa a narrativa para ilustrar princípios que um pregador supostamente encontra no texto. Muitas vezes, penso que esses princípios vêm de outros lugares, talvez do Novo Testamento, e são projetados nessa narrativa específica.

A chave é planejar seu sermão guiando-se pela forma como a história se desenrola. Embora você precise fazer mais do que simplesmente contar a história, não pode fazer menos do que isso. E eu não posso enfatizar isso o suficiente.

Quando você está pregando uma narrativa, ela deve soar como uma narrativa. Deve soar como uma história. Sim, você precisa fazer mais do que isso, mas não pode fazer menos do que isso.

Idealmente, você seguirá os mesmos passos do narrador bíblico. Mas qual a implicação disso para o desenvolvimento da ideia do seu sermão? Existem duas maneiras principais de apresentar ideias: indução e dedução.

E não me surpreenderia se você já tivesse ouvido falar de raciocínio indutivo e raciocínio dedutivo. Vamos começar com a dedução. Na dedução, você parte da conclusão, ou do todo, e então trabalha nos detalhes específicos.

Em outras palavras, você dá a resposta de antemão e depois a detalha e explica. Organizar um sermão dedutivamente pode torná-lo muito claro. Mas também corre o risco de ser entediante.

Se você já revelou sua grande ideia, por que alguém deveria ouvi-la? Bem, às vezes o autor faz isso em certas partes das Escrituras. Penso especialmente nas epístolas do Novo Testamento, que nem sempre são dedutivas, mas às vezes você recebe uma ideia inicial, e então o autor a explica, ou talvez a prove, ou a aplique. E, ao fazer isso, ele cria uma certa tensão.

Você já apresentou a ideia, então onde está a tensão? Bem, você precisa encontrá-la no texto. Talvez a tensão esteja lá porque, tipo, isso simplesmente não faz sentido nenhum. Ou talvez a tensão esteja lá porque o leitor pensa: "Não sei se consigo acreditar nisso".

Quer dizer, se você está pregando sobre 2 Coríntios 12, mais ou menos do 7 ao 10, e Paulo fala sobre como sua fraqueza era boa, e você diz: "Não, não, não, não vejo como isso é possível", bem, você tem a atenção deles. Por outro lado, a indução, ou arranjo indutivo, começa com as partes específicas e, no final, chega-se à conclusão.

A resposta é desconhecida no início. Você só a obtém no final. Agora, quando feita de forma inadequada, a indução pode ser confusa.

Às vezes, as pessoas dizem: "Eu não tinha ideia de para onde o pregador estava indo". E isso pode ser bom ou ruim. Se disserem: "Eu não tinha ideia de para onde aquele pregador estava indo", isso é ruim. Ou pode ser: "Eu não tinha ideia de para onde o pregador estava indo, mas foi realmente intrigante".

Portanto, é preciso ter cuidado com a indução. Seus ouvintes podem ter dificuldade em acompanhar o raciocínio, já que não sabem exatamente para onde você está indo, mas, quando bem feita, a indução realmente dá ao pregador uma vantagem. Estruturar um sermão de forma indutiva cria suspense e produz uma sensação de descoberta.

Então, como você deve pregar as narrativas do Antigo Testamento? Deve fazê-lo dedutivamente ou indutivamente? Bem, a resposta para essa pergunta é a mesma que responde à questão: como as histórias funcionam? Bem, as histórias funcionam indutivamente, não é? É bastante raro que você obtenha uma resposta de imediato. Geralmente, você recebe todos os detalhes e a resposta; a história em si não. Lembre-se, ela não se resolve sozinha. Não há resolução até o final da história.

Quer dizer, é assim que as boas histórias funcionam. Há aquele momento "eureka" no final. E, portanto, eu diria que, quando as defendemos, devemos guardar a grande ideia para o final, devemos manter o sentido narrativo do que eu chamaria de atraso estratégico.

Em outras palavras, a ideia principal não é apresentada logo de início. Ela é guardada para o final. Devo confessar que, no começo das minhas pregações sobre narrativas do Antigo Testamento, eu sempre dizia à congregação, de antemão, o que eu pretendia dizer.

Eu estava tão preocupado que eles pudessem não captar minha ideia principal que desconfiei da estrutura narrativa e a revelei logo no início. Então eu dizia algo como: "Esta manhã, veremos em 1 Samuel 5-7 que Deus não é apenas uma fonte de poder que você pode explorar, mas uma pessoa poderosa a quem você deve adorar". E, em essência, eu estava dizendo: "Antes de contar a história desta manhã, deixe-me pular para o último capítulo e revelar o final".

Mas se você fizer isso, a jornada se torna menos satisfatória e menos emocionante. Ora, o atraso estratégico não é difícil de incorporar ao seu sermão, pois é geralmente essa a função das narrativas. Por exemplo, em Juízes 17 e 18, o narrador nos informa logo no início que Miquéias tinha uma casa de Deus.

É assim que o texto hebraico diz, uma casa de Deus, ou uma casa de Deus. No entanto, o narrador omitiu um detalhe esclarecedor muito importante até o final da história, a última linha, capítulo 18, versículo 31. Lembre-se, são necessários dois capítulos para contar toda a história.

E a última frase é: "O tempo todo, a casa de Deus", a mesma expressão hebraica, exceto pela palavra "a" ou o artigo definido "a" antes dela. O tempo todo, a casa de Deus estava em Siló. Portanto, pregadores sábios simplesmente reservam seus comentários sobre esse detalhe para o final da narrativa.

Às vezes, pode ser eficaz esperar até o final da narrativa para enfatizar um detalhe importante que aparece anteriormente na história. Isso não significa que você deva ignorá-lo, mas sim que não deve se alongar muito sobre ele.

Você não enfatiza isso até mais tarde. Deixe-me dar um exemplo. Em um sermão sobre 2 Samuel 11 e 12, você poderia adiar seus comentários sobre as nobres palavras de Urias no capítulo 11, versículo 11, até mais tarde na narrativa.

Quero dizer, lembre-se de que Urias é realmente um contraponto a Davi, e Urias demonstra o tipo de caráter que Davi não tinha. É o que ele diz em 2 Samuel 11, versículo 11. Quando Davi, lembre-se, estava tentando fazer com que Urias voltasse para casa e se deitasse com sua esposa Bate-Seba para encobrir o fato de que Davi a havia engravidado e que ela estava esperando um filho.

Então, foi isso que Urias disse a Davi quando Davi descobriu que ele não tinha voltado para casa. E ele disse: "Como você não voltou de uma campanha militar? Por que não voltou para casa?" E esta foi a resposta de Urias: "A arca, Israel e Judá estão acampados em tendas, e meu comandante Joabe e os homens do meu senhor estão acampados em campo aberto."

Como eu poderia ir para minha casa comer, beber e ter relações sexuais com minha esposa? Juro pela sua vida que não farei tal coisa. Não que eu tenha ignorado essa parte ao narrar a história, mas não me detenho nela porque, no final da narrativa, quero contrastar isso com as ações de Davi. E quero destacar que Urias tinha o tipo de caráter que Deus queria que Davi tivesse, que Davi deveria ter tido como Rei de Israel: o de alguém que temia o Deus vivo.

Ao seguir os contornos de uma narrativa, você coloca a ideia principal no final e aproveita a tensão criada pela crise ou pela complicação da história. Lembre-se: a tensão é sua aliada. E quando a tensão acaba, o sermão termina, quer você tenha terminado de pregá-lo ou não.

Por isso usamos uma abordagem indutiva ao pregar narrativas, a menos que haja uma exceção, e na verdade não são muitas. Em Josué 7, a história de Acã, somos informados logo de início que Acã foi quem pecou, mas a tensão aumenta porque, à medida que a história avança, ficamos nos perguntando: ele será descoberto? E como ele será descoberto? Então, novamente, pregar esses sermões de forma indutiva faz sentido. Agora você já sabe como vai apresentar o sermão.

Chegou a hora de preparar um esboço para que você tenha um mapa de onde quer chegar. Então, quero falar sobre esboços. Anos atrás, eu estava em uma aula de pregação ministrada por Haddon Robinson, e meu amigo Dean foi um dos primeiros a compartilhar seu esboço de sermão.

Todos nós tínhamos que fazer isso, e então o Dr. Robinson criticava nosso trabalho. Então, meu amigo foi designado para pregar sobre 1 Samuel 17, a história de Davi e Golias, e esses foram os pontos principais dele. Aliás, eu o chamei de Rod no meu livro.

Compartilhei essa história no meu livro, e meu amigo Dean disse: "Não, você não precisa mudar meu nome. Não me importo se as pessoas souberem, então estou usando o nome verdadeiro dele." O esboço que Dean propôs foi o seguinte:

Primeiro ponto: Golias desafia o povo de Deus. Segundo ponto: Saul se acovarda diante do povo de Deus. Terceiro ponto: Davi conquista a vitória para o povo de Deus.

Bem, é aliterado, não é? Desafia, se acovarda, conquista, e é paralelo. Você tem o povo de Deus em cada uma dessas palavras. Haddon Robinson ficou em silêncio por um momento, e então resmungou: "Isso parece ter saído de um livro chamado 'Sermões Simples para Domingo à Noite'", e, claro, todos nós caímos na gargalhada, mas era um riso nervoso e um riso de compaixão porque sabíamos que seríamos os próximos, e Haddon continuou dizendo: "Ninguém mais fala assim, exceto no púlpito".

Dwayne Litvin era um professor convidado que estava lá com Haddon naquele dia, e ele interveio dizendo: "O que Haddon está dizendo é que ele tem medo de que você saia e realmente pregue esse sermão. Bem, a fase de esboço na preparação do sermão é, para alguns de nós, uma das etapas mais intimidantes do processo. Brian Chappell fala sobre isso em sua pregação centrada em Cristo."

Ele disse que, em salas de aula e seminários por todo o país, percebe que os pregadores têm mais dúvidas sobre estrutura do que sobre qualquer outro aspecto da pregação. Então, o que eu gostaria de fazer é dar algumas dicas para a elaboração de esboços eficazes, especialmente para sermões narrativos do Antigo Testamento. Muito bem, aqui vai a primeira dica.

Não tente criar esquemas que as pessoas vão memorizar. E você pode estar pensando: "O quê? Foi isso que me ensinaram a fazer." Vou repetir.

Não crie esboços, ou melhor, não tente criar esboços que as pessoas se lembrem. E, sinceramente, levei anos para entender isso. Lembro-me do empreiteiro que fez a estrutura da minha casa, e eu o ajudei nesse trabalho.

Lembro-me de um dia em que estávamos trabalhando na estrutura de uma parede, e se você entende um pouco de construção, sabe que você pega pedaços de madeira e vigas, tem uma placa superior, uma placa inferior e as vigas, e coloca tudo no chão, e

vai martelando os pregos. Aí o empreiteiro, meu amigo John, passou por perto e disse: "Ei, vocês não estão construindo um piano." Eu perguntei: "Como assim?" Ele respondeu: "Vocês não estão construindo um piano."

Eu disse: "John, não faço ideia do que você está falando". Ele disse: "Você está tentando alinhar os pinos com uma precisão de um décimo sexto de polegada". Ele disse: "Não precisa ser tão preciso assim".

Ele diz que será coberto com drywall. Não dá para fazer malfeito, mas este trabalho ainda não está terminado. Não está muito preciso.

E acho que isso também se aplica aos esboços. Sabe, precisamos de uma estrutura sólida, mas haverá uma camada de gesso sobre o esboço do seu sermão, ou, para usar outra analogia, uma que usei em uma sessão anterior, as pessoas não precisam ver meu esqueleto. Eu absolutamente preciso dele para me sustentar aqui, mas vocês não precisam vê-lo.

E eu diria que é assim mesmo com os pontos principais do esboço, especialmente em sermões narrativos do Antigo Testamento. Acho que existem outros tipos de literatura em que, às vezes, talvez você queira que seus ouvintes absorvam um pouco mais de um ponto do esboço, principalmente se você tiver uma lista, mas não uma narrativa. Então, por que precisamos deles? Bem, precisamos deles para estruturar o texto.

Precisamos deles porque esses pontos principais e subpontos nos dão um roteiro. Eles nos guiam pelas ideias-chave que precisamos comunicar quando pregamos uma história. Aqui vai uma segunda dica: veja os pontos principais como finais, não como começos.

Eis o problema. Enquanto as histórias funcionam indutivamente, os esquemas funcionam dedutivamente. Você já teve esse impulso? Talvez você esteja terminando a introdução do seu sermão, é hora do primeiro ponto, mas você quer ir direto para o subponto A, depois para o subponto B, depois para o subponto C e, no final, o primeiro ponto surgirá.

Bem, isso geralmente acontece em uma narrativa. Então, o ponto principal é a ideia que você quer que emergja ao final de uma seção. Normalmente, se você tem o primeiro ponto, ele abrangerá uma seção do texto bíblico nessa narrativa.

E, muito provavelmente, a ideia principal desse texto só vai surgir e ficar clara quando você chegar ao final. Portanto, não há problema em desenvolver primeiro os subpontos para chegar à ideia principal e, aliás, você não precisa repeti-la palavra por palavra.

Não estamos tentando criar esquemas que as pessoas memorizem. Mas o ponto principal, se for um ponto-chave na história, é para ele que você está caminhando. Então, o que eu faço às vezes é ter meu ponto principal, o ponto número um.

E no final, escreverei "desenvolver indutivamente". Isso me indica que, ao chegar a esse ponto, trata-se, na verdade, de um movimento de pensamento. Falaremos sobre isso daqui a pouco.

E a ideia que quero comunicar provavelmente surgirá no final. Muito bem, aqui vai uma terceira dica: apresente os pontos principais do seu esboço em frases completas.

Eu sei que isso pode parecer trabalho burocrático e até irritante, mas se o seu ponto principal é o problema da idolatria, isso não te diz nada, não me diz nada além do tópico. Lembre-se, este esboço é para você. Você pode até já ter em mente qual é o problema da idolatria, mas o seu ponto principal deve afirmar isso. Ele, sabe, está tentando nos ajudar a pensar com clareza. E se não escrevermos as coisas em frases completas, o que vai acontecer é que vamos acabar com essas pesquisas de legenda, e isso vai te dizer o que você está dizendo sobre esse tópico. Declarações parciais permitem que o pensamento escape da nossa mente, como uma bola de futebol.

Isso é escorregadio. Está, sabe, coberto de umidade por causa da chuva. Então, ao escrever esse esboço, lembre-se disso como uma forma de pensar, e você vai agilizar o processo.

Se você não escrever seus argumentos em frases completas e pensar em termos de movimentos em vez de pontos isolados, estará apenas percorrendo uma história. Talvez eu devesse até dizer, pense em termos de cenas em vez de pontos isolados. Mas um movimento é uma seção do seu sermão na qual um elemento específico da narrativa, talvez uma cena, uma conversa ou uma ideia, uma ideia teológica, se forma na mente dos seus ouvintes.

Então, quando você se levanta para pregar, é por isso que você não diz "meu primeiro ponto é" ou "ponto número um". Você está contando uma história, e quando vê o ponto número um no seu esboço, isso deve lhe dizer: "Ok, aqui está o primeiro movimento do meu sermão. Aqui está a primeira cena que vou descrever, ou este ponto do esboço abrange esta conversa entre Samuel e Saul, em 1 Samuel 15". E quando eu vejo esse ponto, não significa que vou pegá-lo e dizer aos meus ouvintes: "aqui está o ponto número um" ou "meu primeiro ponto é", não. Isso apenas indica: "é isso que eu pretendo abordar, eu trabalho nesta parte da história".

Essa é a ideia que precisa emergir. Em quinto lugar, eu o encorajaria a focar em dois a quatro pontos principais, porque seus argumentos são bem elaborados. Seus

pontos principais refletem os principais movimentos do seu sermão, e você só consegue abordar uma quantidade limitada em cerca de 30 minutos.

Sinceramente, muitos dos sermões narrativos do Antigo Testamento que prego têm dois pontos principais e, como você pode imaginar, esses dois pontos refletem a crise. E a resolução, sendo a crise frequentemente o problema, e a resolução a solução ou o resultado, seja ele positivo ou negativo. Claro que você pode ter mais pontos principais, mas eu sugiro nunca ultrapassar quatro. Se você tiver mais de quatro pontos principais, porém, não se desespere.

Isso não significa que você precise se livrar deles. Significa apenas que você os coloca em um nível inferior e pensa: "Ok, esses dois ou três pontos realmente se encaixam em uma ideia maior". Além disso, se você tiver mais de dois a quatro pontos principais, o que provavelmente me diz, e deveria dizer a você também, é que a estrutura do seu sermão está muito complexa.

E se for muito complexo, seus ouvintes não conseguirão acompanhar. Novamente, você não precisa reduzir o número de tópicos. Você não precisa eliminar pontos, mas, sabe, combine-os.

Mas, novamente, eu o encorajaria a começar com a crise e a resolução, construindo a estrutura e o esboço do seu sermão em torno disso. E se você precisar de um ponto extra no início para a exposição, tudo bem, ou talvez haja uma conclusão que exija outro ponto. Isso também não tem problema.

Você pode tomar essa decisão. Mas mantenha seu esboço o mais simples possível. Esboços complexos significam que seu sermão ficará confuso e você se perderá na história que está tentando contar.

Muito bem, aqui vai uma dica final. Inclua sua ideia principal no esboço. Eu prefiro apresentá-la como um dos meus pontos principais.

Geralmente, isso me dá o último ponto. Embora alguns pregadores e professores prefiram colocá-lo na conclusão, não há problema.

Mas como a ideia principal é uma parte proeminente do sermão, geralmente a incluo novamente no meu esboço. Ela aparecerá no último ponto, porque vem no final. Essa ideia principal pode ser para o conjunto final de versículos da narrativa, ou você pode apresentá-la como um ponto separado depois de ter analisado o texto.

Sabe, eu não perco o sono pensando em qual caminho seguir. Faça seu esboço o mais simples possível. Então, deixe-me dar um exemplo antes de terminarmos aqui em Juízes 17 e 18. Eu tenho dois pontos nesse sermão que dizem: "Uau, dois capítulos inteiros.

Sim. E tenho dois pontos principais. Aliás, eles não seguem a divisão dos capítulos.

Meu primeiro ponto principal vai de 17:1 a 18:17. E o ponto principal é este: Miquéias e os danitas se desviaram de Deus para os ídolos. Ora, quando prego isso, não digo, portanto, que meu primeiro ponto é que Miquéias e os danitas se desviaram de Deus para os ídolos.

Acabei de ver isso. E percebi que essa é a crise da história. E é isso que preciso comunicar às pessoas.

Talvez eu use algum tipo de resumo. Quando eu chegar ao final do versículo 17 do capítulo 18, eu poderia dizer: "Que tragédia, tanto Miquéias quanto os danitas se desviaram de Deus para os ídolos". Viu como eu inseri isso na história? Eu não disse, então meu primeiro ponto é este.

Aliás, eu conto isso como parte da história, todos os meus subpontos. E eu tinha apenas três deles, que são meros resumos do que acontece no texto. E pode parecer que, bem, eu nem preciso deles.

Consigo visualizar os textos enquanto os analiso. Mas esses três pontos, ou melhor, esses três subpontos, indicam que se tratam de conceitos-chave que preciso abordar. Lembre-se, conversamos sobre os pontos que precisam ser explicados.

Basicamente, são coisas que preciso explicar. Então, para simplificar, meu primeiro ponto, em 17:1 a 13, é que Miquéias cria um ídolo e constrói um sistema religioso não autorizado. É isso que acontece nessa passagem.

Ponto B: os danitas avistam a distante cidade de Laís em vez de assumirem a herança que lhes foi designada. E eu realmente preciso enfatizar esse ponto. E quando falo dos danitas, refiro-me ao fato de que a missão de espionagem que eles empreenderam não foi autorizada e que eles tomaram terras para sua tribo.

Isso não lhes foi dado. Eles abandonaram a terra que Deus lhes havia dado. Não conseguiram conquistar o povo que lá vivia, os inimigos que lá estavam.

E assim eles partiram. O terceiro subponto, letra C, os danitas levam o ídolo e o sacerdote de Miquéias em sua jornada para capturar Laís. Novamente, não é nenhum bicho de sete cabeças, certo? Estou apenas resumindo os principais movimentos da história.

E isso me ajuda a pensar em como contar essa história. Mas, novamente, meu primeiro ponto principal, meu primeiro argumento, ponto número um, Miquéias e os danitas se desviaram de Deus para os ídolos. Essa é a crise.

Meu segundo ponto principal, que abrange o restante do capítulo 18, dos versículos 18 a 31, é o seguinte: como resultado, Miquéias e os danitas não experimentaram a presença de Deus. Eu poderia simplesmente apresentar minha ideia principal ali, mas vou deixá-la para o final, porque quero expressá-la de uma forma um pouco mais convincente.

Mas é para lá que eu quero chegar. Esse é o desfecho da história. É um final triste, não é? É uma tragédia.

Essa história é uma tragédia. Então, novamente, o ponto principal é que, como resultado, Miquéias e os danitas não experimentaram a presença de Deus. Esse é o ponto que vou abordar.

É isso que diz esta seção da narrativa. E vou usar palavras um pouco diferentes. Eu, novamente, não vou dizer meu ponto agora, meu segundo ponto é, você sabe, o primeiro ponto era este, agora o segundo ponto, não é isso que os contadores de histórias fazem.

Então, novamente, terei alguns subpontos que detalharão o assunto. E meu último subponto será minha ideia principal. Quando nos afastamos de Deus para os ídolos, perdemos a presença de Deus.

Eu poderia ter colocado isso como o segundo ponto, mas nos pontos principais desta história, eu estava usando a linguagem, apenas contando a história, e então minha grande ideia eu coloquei como o último subponto. Eu provavelmente poderia tê-la colocado no primeiro subponto, na conclusão. Não importa.

O importante é que está no final da história, certo? É assim que se trabalha com esboços. Eles podem ser complicados. Podem ser frustrantes, mas mantenha-os simples.

E, uma vez que o esboço esteja pronto, é hora de desenvolvê-lo. Vamos construir um sermão com base no esboço que criamos, e faremos isso em nossa próxima sessão.

Este é o Dr. Steven D. Mathewson pregando sobre narrativas do Antigo Testamento. Esta é a sétima sessão: Moldando e Esboçando o Sermão.